



*Em memória a Eduardo Torres,
militante anarquista,
assassinado dia 12 de novembro de 2017.
Quando os mortos são lutadores, o Estado
terrorista silencia.*

CONSIDERAÇÕES DE ABERTURA DO IV SARAU PRIMEIRO DE MAIO

Boa tarde, companheiras e companheiros!

Iniciamos a quarta edição do Sarau Primeiro de Maio. É a primeira vez que realizamos a atividade no mesmo ambiente comunitário e popular que recebeu outra edição do Sarau. Algumas das razões é a acolhida da AMORABI e de toda companheirada que constroem este espaço. Outra razão é por aprendermos com os trabalhos aqui constituídos com muita organização, luta, amor e rebeldia. Desde junho de 2013, o que é mais falado, escrito, problematizado e debatido no amplo campo da esquerda – poucas vezes em tom de autocrítica – é a necessidade de trabalho de base dos projetos políticos revolucionários. Pois bem, é aqui na AMORABI, a poucos quilômetros das ruas centrais da cidade, que aprendemos com este trabalho de base mantido durante todos estes anos.

Aqui que constituímos os fios de memórias das lutas populares dos últimos 50 anos. Afinal, em 2018 somos tomados por lembranças, histórias e projetos que muitas vezes os grandes meios de comunicação, as instituições e vozes oficiais da classe dominante insistem em esconder, ou simplesmente modificar narrativas para sustentar a exploração e todas as formas de opressão. 1968 e 2018. 50 anos que não são apenas um marco histórico morto, retido em linhas de livros esquecidos nas poucas bibliotecas públicas ou em prateleiras temáticas para criar necessidades da nossa sociedade pautada no consumo. Em 2008, o ano de 1968 parisiense foi lembrado com o lançamento e relançamento de quase 300 livros sobre o tema. Mas afinal, o que isso realmente importa para nós que estamos por aqui enfrentando outra engrenagem? Fazemos a data de 1968 um momento para reflexão e construção da nossa identidade rebelde nesta cidade domada, baseada na imposição e silenciamento das classes oprimidas.

1968 – Protestos de sul a norte do globo, contra o imperialismo dos Estados Unidos da América, levam milhões às ruas e pedem o fim da guerra do Vietnã.

2018 – Na região do Curdistão, território em disputa na geopolítica capitalista, as companheiras e os companheiros do PKK fazem da revolução uma palavra e ação das mulheres.

1968 – Em Praga, na atual República Tcheca, movimentos de massas composto por estudantes e trabalhadores fazem críticas às imposições de Moscou e o exército soviético massacra o povo.



2018 – Na Espanha, através da aliança entre as centrais sindicais, as mulheres organizam a maior greve e manifestação do 8 de Março da história. Milhões de mulheres pararam os locais de trabalho e tomaram as ruas.

1968 – O México recebe as Olimpíadas sob um clima de insatisfação generalizada da aliança estudantil e popular contra o governo. Em um ato pacífico, mais de 300 estudantes são mortos na praça de Tlatelolco pelas armas do Exército e da polícia.

2018 – Não são apenas 50 anos. São mais de 500 anos de resistência indígena, que continua viva na luta pelas Tekoá, as terras indígenas, na aldeia Piraí, nas aldeias do Morro dos Cavalos e tantas outras da nossa região.

1968 – John Carlos e Tommie Smith, atletas negros, foram medalhistas nos Jogos Olímpicos. De punhos cerrados no pódio, símbolo dos Panteras Negras, representaram a luta antirracista no ápice da repressão. Meses antes, o pastor negro Martin Luther King havia sido morto nos Estados Unidos da América.

2018 – Principal proposta econômica do Governo Temer, a Reforma da Previdência é abandonada após uma luta e agitação popular contra a reforma, incluindo as greves de 2017 e 2018, que impediram que o Governo tivesse forças para colocá-la em votação.

1968 – Em maio, na França, greves gerais massivas se aliam às ocupações de escolas e universidades em diferentes cidades. As greves e barricadas se espalham pelo país como um levante de intenção revolucionária e entram para a história novos métodos e horizontes para os povos em todo o mundo.

1968 – A comunidade do Bairro Floresta, em Joinville, luta contra a instalação de uma uni-

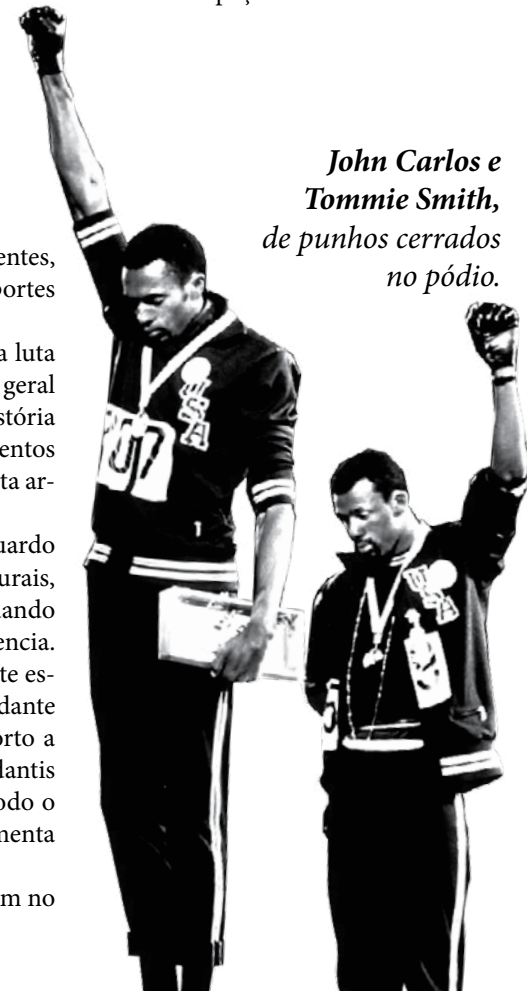
dade de tratamento de esgoto na Praça Tiradentes, espaço que a comunidade ocupa com lazer, esportes e arte.

Meses depois de 1968 – O povo argentino, na luta contra a ditadura militar, promove uma greve geral e levantes populares que entraram para a história como o Rosariazo e o Cordobazo, acontecimentos que fortaleceram o sindicalismo classista e a luta armada no país.

Meses antes de 2018 – O companheiro Eduardo Torres, anarquista atuante nas lutas urbanas e rurais, foi brutalmente assassinado em Araquari. Quando os mortos são lutadores, o Estado terrorista silencia.

1968 – Em 28 de março de 1968, no restaurante estudantil Calabouço, no Rio de Janeiro, o estudante secundarista Edson Luís de Lima Souto é morto a tiros pela Polícia Militar. Manifestações estudantis levam centenas de milhares às ruas durante todo o ano contra a ditadura civil-militar, que implementa o Ato Institucional em dezembro.

2018 – Uma semana após o 8 de março, também no



*John Carlos e
Tommie Smith,
de punhos cerrados
no pódio.*

Rio de Janeiro, a vereadora Marielle Franco e seu motorista Anderson foram executados após uma vida de denúncias da violência de Estado, em meio à intervenção federal-militar. Milhões de pessoas pelo país convertem suas lágrimas em luta.

2018 – Nós, estudantes, trabalhadores e trabalhadoras, desempregados, negros, indígenas, imigrantes, mulheres, lésbicas, gays, bissexuais, trans, moradores de diferentes bairros, crianças, jovens e adultos de diferentes idades estabelecemos nossos laços de memórias e histórias com as lutas populares.

Os grandes meios de comunicação tentam retratar o ano de 1968 de acordo com os seus interesses políticos e econômicos, direcionando uma narrativa sem a perspectiva anticapitalista e contra as formas de opressões. Tentam deslocar os momentos de rebeldia de seu berço, sua origem, crítica ao capitalismo e ao Estado. O caso do Maio de 68 na França é um bom exemplo, como escreveu o companheiro Rugai:

“A França estava vivendo uma crise profunda devido a vários fatores. No plano político, o General De Gaulle permanecia no poder e mantinha um regime semi-ditatorial. O país estava em crise desde a libertação, em 1945 no fim da Segunda Guerra Mundial, mantendo-se às duras penas. A situação se agravou quando a França perde as suas principais colônias, a Argélia e o Vietnã, envolvendo-se em guerra de efeitos desastrosos.

Os efeitos da crise fizeram mais claros a partir de 67, e chegou-se em 68 com um quadro bastante crítico: salários muito baixos; semana de trabalho de 48 horas; desigualdades salariais entre homens e mulheres; desemprego se alastrando como 600 mil jovens desempregados, sendo que 130 mil deles procuravam emprego há mais de um ano; desigualdades sociais enormes entre Paris e o interior; falta de habitação, proliferação de favelas e falta de infraestrutura. Isso acaba com o mito de que tudo ia bem no plano econômico e o movimento de Maio de 68 foi

apenas uma luta por liberdade contra a autoridade. Evidencia-se, na verdade, que a liberdade no capitalismo está condicionada pelo fator econômico, e que sem isso ela é apenas uma bela palavra vazia.”

Existem historiadores renomados, como Hobsbawm, que consideraram o maio francês como um último sopro do anarquismo, após um suposto declínio ao final da Revolução Espanhola em 1936. Essa afirmação ignora por completo o anarquismo atuante nesse período na Ásia, na América do Norte e particularmente na América Latina, onde existia uma construção viva de uma perspectiva anarquista latinoamericana de envergadura nos trabalhos de massas, organização política e luta armada.

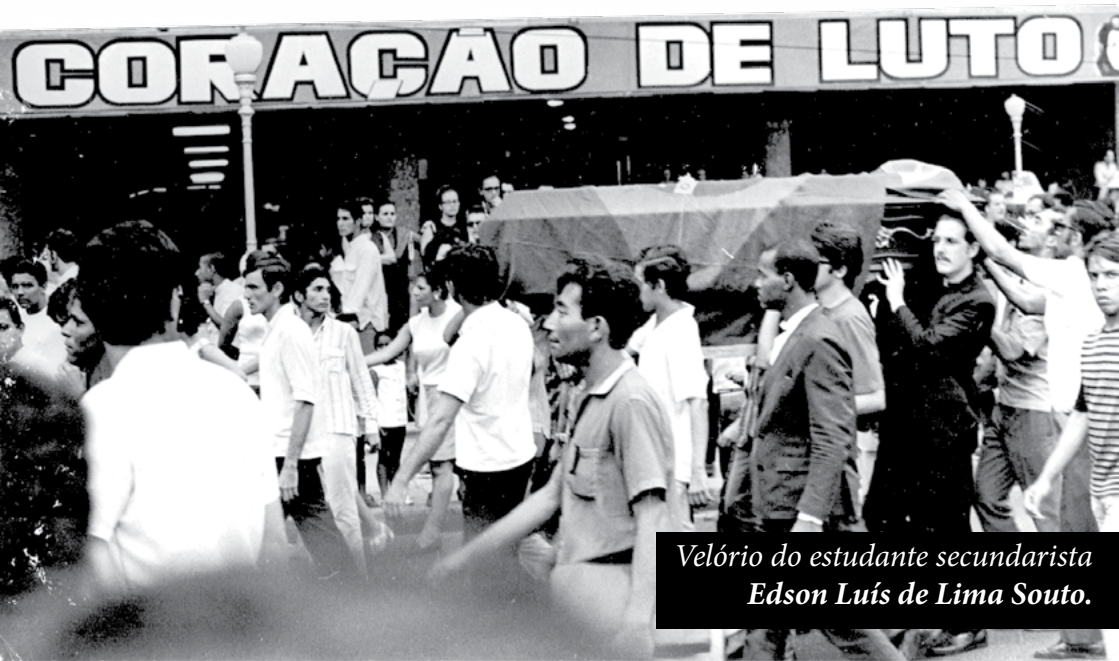
O maio francês é reconhecido por suas pautas de liberdade individual, bem como atos espontâneos dos jovens universitários. Em partes, esse sentido do maio francês é resultado da disputa da classe dominante sobre nossas memórias e histórias de luta. É uma operação pensada para definir os rumos da sociedade opressora que vivemos. Por isso, é necessário lembrarmos o protagonismo militante e as ações espontâneas - mas também coordenadas - dos povos em luta contra a exploração capitalista e o autoritarismo do Estado francês dos anos de 1960. Não foram apenas pizações e barricadas nas Universidades, mas também uma forte greve geral em inúmeras categorias de trabalhadores, um levante realmente popular com intenção de transformar radicalmente a sociedade.

Neste canto latino-americano do globo, entre os anos de 1930 e 1970, ressaltamos personagens como o anarquista Abraham Guillén, que estudou a economia autogestionária e as guerrilhas urbanas, onde propôs saídas distintas do foquismo, o modelo de Che Guevara que foi muito difundido na região. Guillén treinou e apoiou importantes movimentos de luta armada contra as ditaduras na América Latina, como Los Uturuncos na Argentina, Tupamaros no Uruguai, entre outros grupos.

As experiências de resistência em nosso território estão marcadas pelo forte domínio do imperialismo dos Estados Unidos da América. No final da década de 1950, surge a nossa perspectiva de anarquismo chamada de especificismo, obra de mulheres e homens de baixo, que expressam a sua rebeldia com a formação da organização política revolucionária FAU (Federação Anarquista Uruguiaia). Um projeto de inserção nas lutas de massas, com referências nos clássicos anarquistas, mas também na história de lutas latino-americanas e na realidade desse povo afro-latino-americano e indígena. Um projeto que também tomou o corajoso caminho da resistência armada quando as classes dominantes não nos deram outra opção.

No Chile, em 1968, a luta popular avançava com a construção de companheiras e companheiros em uma forte aliança popular com inserção no movimento estudantil, sindical, entre o campesinato e os bairros pobres. Um projeto que incluía setores revolucionários e que travou um debate fundamental sobre os limites da democracia burguesa para a construção do socialismo.

Em Cuba, a década de 1960 marca a capacidade da revolução em se manter de pé frente aos ataques imperialistas. No entanto, o regime castrista se alia à União Soviética e usa da perseguição política a outras correntes de esquerda, incluindo anarquistas que são presos e



*Velório do estudante secundarista
Edson Luís de Lima Souto.*

exilados nesta época. Isso acontece mesmo quando a história de Cuba foi marcada por um intenso trabalho organizativo de anarquistas desde o período da escravidão, particularmente nas organizações anarcossindicalistas nas primeiras décadas do século XX, mas também com participação ativa na Revolução em 1953.

Nós, aqui nessa sala, somos parte de toda essa história de luta. Dessas memórias, fazemos vida. Fazemos resistência em nosso momento, caracterizado pelo genocídio do povo negro e indígena, pelo crescimento do autoritarismo e brutalidade do Estado, pelos ataques aos direitos e às vidas das mulheres, pela retirada de direitos conquistados em todas as áreas e pelos fascistas que saem das tocas para homenagear ditadores, torturadores e seu projeto econômico que sempre favoreceu as elites. Acreditamos que o nosso povo é muito maior do que isso, que somos fortes e que resistimos, que nossas angústias e nossos sonhos coletivos, em algum momento, inevitavelmente se tornam ação.

As inúmeras lutas dos anos 1960 nos mostram que a rebeldias não dependiam exclusivamente da União Soviética, um modelo de capitalismo de Estado que buscava na época dirigir as lutas internacionalmente a favor de seus interesses geopolíticos. As lutas de 2018, por sua vez, nos mostram que as rebeldias nunca serão caladas. Não existe “fim da história”, como defenderam os ideólogos do neoliberalismo. Outro mundo é possível, como disseram os levantes populares na América Latina nas últimas décadas, das montanhas zapatistas no México às retomadas de terras dos indígenas Mapuche no sul do Chile e Argentina, ambas experiências vivas agora, aqui ao nosso lado. Como disse o anarquista Buenaventura Durruti, esse outro mundo está nascendo nesse momento, pois o carregamos em nossos corações.

Desde 1886, quando companheiros e companheiras de Chicago perderam suas vidas lutando por condições dignas de trabalho, o Primeiro de Maio é lembrado como um dia de luto, mas também de luta. Mas não só. É o momento para refletirmos e celebrar essa história tão importante para todos os trabalhadores do mundo.

Celebrar não significa irmos ir a uma festa realizada pelas empresas de comunicação que destroem o significado desta data. Mas sim celebrar com um encontro humano. De trabalhadores e desempregados. Onde possamos consumir histórias, leituras, arte, música e esporte. E lembrar que tudo isso pertence também aos de baixo. Assim como todo o mundo pertencerá. Temos quase nada, podemos ter tudo. A vitória será nossa. A luz do amanhã será mais clara para todos nós. Até lá, companheiros e companheiras, nos resta a esperança, a resistência e a luta!

SEJAMOS REALISTAS, EXIJAMOS O IMPOSSÍVEL!

CINQUENTA ANOS DE LUTAS E SONHOS!

EDSON LUÍS VIVE! EDUARDO TORRES VIVE! MARIELLE FRANCO VIVE!

TODOS OS MORADORES DA PERIFERIA MORTOS PELO CAPITAL VIVEM!

2018 DE RESISTÊNCIA, AMOR E REBELDIA!

SÓ A LUTA MUDA A VIDA / SÓ A LUTA MUDA A VIDA / SÓ A LUTA MUDA A VIDA!

UM BOM EVENTO A TODOS E A TODAS!

Joinville, 1º de maio de 2018.

Coletivo Anarquista Bandeira Negra, integrante da Coordenação Anarquista Brasileira.



Marielle Franco
1979 - 2018

Leituras e debates realizados a partir dos seguintes artigos

Entrevista com Abraham Guillén:

<http://elcoyote.org/entrevista-com-abraham-guillen-o-primeiro-teorico-da-guerrilha/>

História da Federação Anarquista Uruguia:

<https://anarquismorj.wordpress.com/textos-e-documentos/teoria-e-debate/historia-da-fau-fau/>

A Estratégia do Especificismo – Entrevista com Juan Carlos Mechoso:

<https://anarquismorj.wordpress.com/textos-e-documentos/teoria-e-debate/a-estrategia-do-especificismo-entrevista-com-juan-carlos-mechoso-federacao-anarquista-uruguia/>

Os revolucionários ineficazes de Hobsbawm – Rafael V. Da Silva:

<https://ithanarquista.wordpress.com/2013/02/20/rafael-v-da-silva-os-revolucionarios-ineficazes-de-hobsbawm/>

Maio de 68 na França e o anarquismo – Ricardo Rugai:

<http://maio68dahis.blogspot.com.br/2008/05/maio-de-68-na-frana-e-o-anarquismo.html>

Nos 50 anos de 1968, relembre 11 fatos que abalaram o mundo:

<https://www.brasildefato.com.br/2018/01/04/nos-50-anos-de-1968-relembre-11-fatos-que-abalaram-o-mundo/27-fatos-importantes-que-voce-deveria-saber-sobre-os-panteras-negras>

https://www.huffpostbrasil.com/2016/03/05/27-fatos-importantes-que-voce-deveria-saber-sobre-os-panteras-ne_a_21686015/

Anarquismo e Primeiro de Maio no Brasil – Milton Lopes:

<https://ithanarquista.wordpress.com/2013/09/02/milton-lopes-anarquismo-e-primeiro-de-maio-no-brasil/>

Surgimento e breve perspectiva histórica do anarquismo – Felipe Corrêa:

<https://ithanarquista.wordpress.com/2013/01/17/surgperspectivro/>



POESIA|MÚSICA|CONTAÇÃO DE HISTÓRIA
EXPOSIÇÃO|DANÇA|TEATRO|FUTEBOL

ORGA
NIZA
ÇÃO:



APOIO:

AMORABI
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES E AMIGOS DO BAIRRO ITINGA